

# RESGATANDO A POLÊMICA: OS LIMITES DA TEORIA VARIACIONISTA.

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto<sup>1</sup>

## Resumo

Neste texto retomo a questão dos limites da teoria variacionista de William Labov, apontando a problemática da regra variável e da variação além dos limites fônicos, apresentando a posição de lingüistas que discutem o assunto. Ao fim, concluo demonstrando a possibilidade de ajuste do modelo às mais diversas direções de análise através do “casamento” com outras teorias, como o funcionalismo.

**Palavras-chave:** variacionismo; Labov; regra variável

## Abstract

In this text I return to the question of the limits of the Labov's variationist theory, pointing problematic of the the variable rule and the variation beyond the phonic limits, presenting the position of linguists that discuss the issue. At the end, I conclude demonstrating the possibility of adjust of the model to many directions of analysis through the “marriage” of it with other theories, such as functionalism.

**Key words:** variacionism; Labov; variable rule

A Sociolingüística surgiu no final da década de 60 como uma resposta aos modelos teóricos que consideravam a língua um sistema homogêneo e invariável, e à noção de língua que faz abstração da variação. Assim, a Sociolingüística firmou seu lugar ao provar que a variação é inerente à linguagem humana.

Um marco fundamental para a caracterização da Sociolingüística enquanto ciência dotada de método foi o trabalho de William Labov em Martha's Vineyard, onde analisou um fenômeno de mudança lingüística - fônica - em processo na fala de seus habitantes. A partir de então, Labov passou a desenvolver uma série de pesquisas empíricas base-

adas na teoria que ficou conhecida como Teoria Quantitativa ou Variacionista.

A teoria laboviana permitiu chegar ao entendimento de que a variação lingüística fônica é passível de sistematização, e que não é caótica, antes apresenta regularidades que não são devidas ao acaso. Mostrou que existe uma relação intrínseca e inseparável entre a língua e a sociedade, ou seja, que a língua possui fatores internos (sistema) e externos. A língua passou a ser vista como um instrumento social de comunicação, sendo os atos lingüísticos eminentemente sociais e pragmáticos; instrumentos para se estabelecer e manter o relacionamento entre os indivíduos em sociedade. Ao dizer que a língua varia de acordo com a sociedade que a usa, LABOV (1968) afirma: “*Variation in linguistic behavior dos not in itself exert a powerful influence on social development nor does it affect drastically the life of the individual; on the contrary, the shape of linguistic behavior changes rapidly as the speaker's social position changes* (p.111)”.

Neste período, as explicações sobre as variações fonéticas recaíam com grande peso sobre os fatores externos, sociais, justamente na tentativa de se enfatizar a ligação da língua com a sociedade. Ao trabalhar com os aspectos fônicos da variação, Labov propôs o estabelecimento da regra variável, definida como duas ou mais formas distintas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo.

*“The variants are identical in reference or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance”*(LABOV, 1972).

Com o passar do tempo, e com o avanço dos estudos sociolingüísticos, muitos pesquisadores se viram tentados a estender a teoria laboviana para outros níveis de análise, como a morfologia e a sintaxe.

Ao se tentar, porém, a adaptação do sistema laboviano para estruturas sintáticas, fica difícil falar-se em “regra variável”, pois a noção de “variação sintática” é muito com-

<sup>1</sup> Mestrando em Filologia e Língua Portuguesa – USP.

plexa (controversa): teriam duas formas sintáticas o mesmo significado? Será que ao dizer “E vou ir ao cinema amanhã” teria o mesmo significado de “Eu irei ao cinema amanhã”? É GADET (1992), entre outros, quem pergunta: “*Mais qu’est-ce qui garantit que lès différentes variantes sont bien variantes d’une même unité? Il y a ici un problème, sur lequel nous reviendrons plus loin: las variantes constituent ‘different ways of saying the same thing’. C’est clair pour la phonologie (les allophones), mais comment en ira-t-il hors de la phonologie?*” (p.7)

Em um artigo célebre intitulado “Los limites de la variable sociolinguística”, Lavandera, discípula de Labov, afirma: “...en el estado actual de la investigación sociolinguística, resulta inadecuado extender a otros niveles de analisis de la variación, la noción de variable sociolinguística desarrollada originalmente sobre la base de datos fonológicos.” (LAVANDERA, 1984)

Lavandera segue explicando o porquê de não se admitir que haja a expansão do modelo para outros níveis, e sua maior crítica é sobre a falta de uma teoria “bem organizada” dos significados. Faz uma crítica à comunicação apresentada em 1972 por Sankoff, ao dizer que: “*los três ejemplos presentados por Sankoff para apoyar su ‘convocatoria’ al estudio cuantitativo de la variación sintáctica son casos em los que la variación no parece comunicar significación social y estilística. Los factores condicionantes identificados son sintácticos...*” (p.39)

Assim, Lavandera propõe que se deixe por hora a definição de que as variantes sintáticas possuem o mesmo significado, substituindo-a por um estudo da condição de igualdade funcional entre as formas sintáticas alternantes. Até certo ponto, pode-se afirmar que as críticas feitas pela discípula de Labov foram amenas, e apenas serviram como ponto de questionamento para o aprimoramento do modelo.

Uma discussão rápida, porém precisa e cuidadosa, sobre a variação além dos níveis fonológicos está no artigo de PAREDES (2003), *Relevância das variáveis lingüísticas*. Neste artigo Paredes traça um resumo da problemática e passa a discutir a questão do significado. Contrapondo as idéias apresentadas por Lavandera (1984), Paredes afirma que: “*a análise variacionista tem como lidar com essas diferenças associadas a matizes semânticos ou a propriedades discursivo-pragmáticas dos tipos das que parecem ocorrer na passiva ou em alguns casos de ordenação de elementos(...). Elas podem ser controladas através dos fatores postulados como correlacionados ao fenômeno. Assim, por exemplo, podemos proceder a uma classificação dos referentes como veiculadores de informação nova ou*

*velha e testar seus efeitos na mudança de ordem, buscando a existência da correlação.*” (p.69)

Nota-se claramente a tendência de “revestir” o modelo de análise laboviano de uma “teoria dura”, neste caso, da elementos do funcionalismo<sup>2</sup>. Ao tentar a explicação dos fenômenos de variação sintática dentro do modelo variacionista à luz da teoria funcionalista, Paredes (entre outros) propõe um redirecionamento da visão prototípica de “regra variável” para a observação dos elementos em análise levando-se em consideração o discurso e a pragmática. Procurando, dessa forma, determinar o que motiva a escolha entre uma ou outra forma, e observando como se comporta o fluxo de informação nas orações e quais as intenções que o falante possui ao optar por uma forma lingüística.

Concluindo, Paredes ainda dá notícias de críticas feitas a Labov por deixar de lado em suas últimas pesquisas fatores externos, beneficiando fatores internos. Segundo Paredes, “*Essa mudança de perspectiva se deveu também à constatação, validada por análises empíricas de diferentes fenômenos não fonológicos, de que nesses fenômenos não se encontram com a mesma facilidade as correlações entre os fatores sociais e as variáveis investigadas.*” (p.71)

Paredes conclui que tal fato não constitui uma perda para o modelo variacionista, antes representa um avanço nas questões de natureza teórica, um aprofundamento no debate dos fatores internos.

BRAGA(1992) dá um exemplo claro e didático quanto ao casamento entre o variacionismo e o Funcionalismo. Ao trabalhar com os condicionamentos discursivos, ela demonstra que é possível lidar com conceitos como status informacional, aspectos relacionados à coesão e contraste na análise de constituintes nominais, cláusulas, realizações variáveis de sujeito e contraste proposicional. Até este ponto, fica evidente que o modelo variacionista tende a expandir suas possibilidades, demonstrando, comprovando e até provendo análises de dados probabilísticos, reforçando as considerações feitas a partir de um determinado construto teórico.

Por fim, não se pode deixar de citar o trabalho de GRYNER&OMENA(2003), que propõe o estudo das chamadas “variáveis semânticas”. Sem aprofundarem-se em questões teóricas, as autoras propõem trabalhar com “*conteúdos que dependem do conhecimento de mundo e/ou do contexto para sua interpretação: animacidade, indeterminação e grau de certeza*”.(p.89)

O grande obstáculo de se trabalhar com questões semânticas são explicitados pelas próprias pesquisadoras: “*É importante ressaltar que o caminho que leva à definição*

<sup>2</sup> Outras associações foram feitas com sucesso, como a proposta feita por Tarallo in: ROBERTS, I. & KATO, M. (Org). *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*, 2ed, Campinas: Unicamp, 1996; em que concilia a teoria gerativista com a sociolingüística quantitativa.

destes parâmetros não está livre de obstáculos. Ao contrário, os limites entre as categorias nem sempre são nítidos; muitas vezes as definições, freqüentemente ambíguas, têm de dar conta de diferenças sutis e escorregadias.” (p. 89)

É nesse sentido que se deve ter muita cautela ao tratar desses aspectos, pois acima do nível morfossintático, os significados podem estar imbricados não somente no referente lexical, mas no discurso, e, não raro, no próprio ato da enunciação, envolvendo as condições de produção, a atitude do falante em relação ao seu conhecimento de mundo, suas intenções, entre outros. A tentativa, no entanto, não pode ser invalidada, pois “como variáveis lingüísticas internas a influir na variação, os traços semânticos constituem um campo aberto à investigação.”(p.100) Nas palavras das autoras, são perspectivas que vêm a desafiar o pesquisador.

Diante do esboço realizado acima, pode-se perceber claramente que houve ajustes no modelo laboviano para que este se adaptasse às exigências de pesquisa que foram surgindo. Assim, ainda que há um longo caminho a ser percorrido até que os ajustes epistêmicos mais sutis sejam feitos; não há como negar que o modelo se expandiu, demonstrando ser capaz de dar conta das mais diversas exigências, e se enriquecendo sobremaneira com as uniões estabelecidas com outras teorias.

## BIBLIOGRAFIA

BRAGA, M. L. (1992) Os condicionamentos Discursivos. In: MOLLICA, M.C.(org.) *Introdução à sociolingüística variacionista*: Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: CEU/ UFRJ, p.57-79.

GADET, F. (1992) Variation et hétérogénéité. In: GADET, F. (org). *Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan. Langages*, 108:05-15.

GRYNER, H. & OMENA, N. P. – A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto, pp.89-100.

LABOV, W. (1972): *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia, University of Philadelphia Press

\_\_\_\_\_. (1968): The reflection of Social Processes in Linguistic Structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, p.240-51.

LAVANDERA, B.R. (1984) *Variación y significado*. Buenos Aires, Hachette (1. Los limites de la variable sociolingüística, pp.37-46.

SILVA, V. L. P. (2003) Relevância das variáveis lingüísticas. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto, pp.67-71.